

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PROFESSORES PRIMÁRIOS. JOSÉ ANTÓNIO CRESPO GUIMARÃES.

MARTINS, Francisco

Ano: 1937 | Número: 47

Como citar este documento:

MARTINS, Francisco, Professores primários. José António Crespo Guimarães. *Revista de Guimarães*, 47 (3-4) Jul.-Dez. 1937, p. 260– 265.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Professores Primários

José António Crespo Guimarães

Voltando atrás o nosso olhar, reconhecemos que Guimarães, «foco glorioso onde o génio da nacionalidade portuguesa tem encontrado as suas manifestações mais conscientes e profundas», tem dado nestes últimos cinqüenta anos afirmações de intensa vitalidade local e de energia cívica pouco vulgares.

Neste meio-século tem-se afirmado poderosamente, a nossa Terra, pelas suas ousadas iniciativas e pelos esforços do seu labor industrial e agrícola.

Nesse movimento de acentuado progresso, na formação dessa corrente de exuberante renascimento citadino, muito influuiu a propaganda da Sociedade Martins Sarmiento, corporação generosa e benemérita, que em si resume as mais alevantadas aspirações, os sentimentos mais nobres por que se revela o carácter da população vimaranense.

Foi fundada em 1881 por um pequeno grupo de dedicados e apaixonados patriotas: Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, Dr. Avelino da Silva Guimarães, Domingos Leite Castro, Dr. José da Cunha Sampaio e Domingos José Ferreira Guimarães.

Movera-os o intuito de prestar uma homenagem perene ao Dr. Francisco Martins Sarmiento, o sábio vimaranense, espírito cultíssimo e profundo de investigador dos mais árduos e difíceis problemas arqueológicos e, ao mesmo tempo, iniciar um movimento de consciente propaganda, contra o estado deplorável em que se encontrava a instrução popular da cidade e concelho.

Os amigos de Martins Sarmiento, inteligentes e criteriosos, compreenderam que a melhor e mais dura-

doira homenagem que poderiam realizar, seria aquela que directamente se conformasse com as mais altas necessidades de Guimarães.

Uma se impunha, a mais importante de tôdas: a criação de institutos de ensino.

A cidade de Guimarães era, neste género de instrução popular, de uma desoladora pobreza. Algumas raras escolas primárias existiam, mal instaladas, mal providas do necessário material e por isso mesmo mal regidas. Eis tudo quanto se podia apontar em matéria de ensino.

O estado decadente da instrução popular exigia do patriotismo dos fundadores de tão benemérita colectividade uma forte corrente de alento revigorador.

A Sociedade Martins Sarmiento inscreveu, portanto, no seu programa, como um dos principais, senão o principal intuito da sua organização, o propósito de levantar a instrução pública da cidade e concelho do nível pouco lisonjeiro em que se encontrava.

Era preciso desfazer uma certa indiferença local, estimulando a consciência colectiva, e insuflando energia e vitalidade neste povo trabalhador e honesto, sem disposições para reagir contra o seu desleixo e abandono.

Desempenhou essa propaganda a Sociedade Martins Sarmiento, com uma admirável decisão e entusiasmo; revolucionou a vida vimaranense, criando uma nova atmosfera moral e intelectual, instituindo uma biblioteca popular e facultando a leitura domiciliária.

Foi inaugurada, a sua biblioteca, em 9-III-1883; por esta mesma época criou dois cursos profissionais de desenho, de francês e um instituto escolar. Antes, havia apenas na cidade uma escola régia para cada um dos sexos, e nisto se limitava o ensino público (1).

(1) Eram seus professores António Luís Guimarães e D. Porfíria Maria da Conceição.

— Debrucemo-nos agora um pouco sôbre o passado, revendo figuras de professores de ensino particular, que já tão distanciadadas estão, e que ensinaram tantas gerações. Para elas, que recordam os quadros mais suaves da nossa mocidade, e que o nosso espirito evoca e a retina guarda em elevação devota e enternecida, o orvalho da nossa saúde.

E essas figuras tomam acentuado relêvo: Francisco Pedro

Foi em virtude d'esses cursos que se formou, consolidou e realizou a ideia de solicitar com empenho, dos Poderes do Estado, as duas instituições mais importantes do ensino official que hoje possui a cidade de Guimarães — o Liceu e a Escola Industrial.

As freguesias rurais eram visitadas por missões de ensino, organizadas pela Sociedade, e na sua sede promoviam-se, como hoje brilhantemente se promovem, instrutivas conferências, realizadas pelas mais notáveis personalidades em evidência nas sciências, nas letras, nas artes e na indústria.

E para fecho imperecível dessa grandiosa obra de renovação construtiva, a Sociedade Martins Sarmento, que tem como venerável sub-título — *promotora da instrução popular no concelho de Guimarães* — realiza anualmente, no dia 9 de Março, aniversário de Martins Sarmento, figura que anda silhuetada no esmalte espiritual do coração de todos os vimaranenses, uma festa de extraordinária beleza e grandiosidade, consagrada

da Rocha Venâncio, grande latinista, apreciado cantor e exímio violinista e organista, pai de Rodrigo Venâncio da Rocha Viana, grande protector e amigo da Sociedade Martins Sarmento; Padre Domingos Magalhães da Silva Barros, pároco da freguesia de S. Paio, professor de latim; Padre José Joaquim Tinoco Nogueira, capelão dos Capuchos, onde dava também aula de latim.

Professores primários: D. Antónia Carapocha; D. Maria Emília Guedes de Quinhones; D. Maria da Soledade Rodrigues Avelino; D. Carlota Maria dos Santos; D. Ana Magna Moreira; Padre José Vicente Correia de Abreu; Frontino Maria de Campos, Director do Asilo de Santa Estefânia; Domingos de Gurmão Castro Araújo, idem; Padre José Vicente Correia de Abreu, idem; Manuel António Alves de Figueiredo; José Antunes da Silva; Francisco António de Almeida, instituidor do Asilo de Santa Estefânia, também leccionava francês e foi sargento; Luís de Passos Cerveira de Albuquerque, foi estudante e militar; Tomás Guilherme, que passava por ser muito rispido no ensino, foi professor do Dr. José da Cunha Sampaio; Francisco José Alves Mourão, o *Valença*; Frutuoso Maria da Fonseca, professor no Asilo de Santo Estefânia; Manuel António Lopes, sargento; João Antunes, o *Carapocho*; Padre Domingos António Antunes; José Francisco Casimiro; Benjamim Vasques de Mesquita, ainda foi professor na Sociedade Martins Sarmento; Padre António Coutinho, professor da escola do Coração de Jesus; Jacinto José Antunes, teve uma filarmónica e era um músico hábil; José Valério, etc.

Eis alguns educadores de 1870 para cá.

às escolas primárias, à qual assistem a Câmara Municipal, instituições locais, etc.

Nessa sugestiva solenidade, cheia de encanto e de alegria, são distribuídos prêmios pecuniários, livros e diplomas aos alunos mais distintos de ambos os sexos, de tôdas as escolas da cidade e concelho, sendo tam-



José Antônio Crespo Guimarães

bém louvados e premiados os professores que mais se avantajarem no aproveitamento dos seus alunos.

E nessa deslumbrante apoteose ao estudo, nessa série de louvores que em discursos eloqüentes e primorosos se tecem à volta da benemérita Sociedade, evidenciou-se um modesto professor primário, que desde o seu início se constituiu um entusiasta e fervoroso apóstolo do seu programa, e sempre, nessa festa de tanta ternura e amor, vinha manifestar o seu grande regozijo: José Antônio Crespo Guimarães, professor em S. Lourenço e S. Martinho de Sande.

Em 1886 dizia êle que era a primeira vez que se animava perante a Sociedade Martins Sarmento, porque a emoção e a pouca competência que em si reconhecia, lhe não tinham consentido, nos anos anteriores, levantar a voz; que o alcance da solenidade de 9 de Março só era bem conhecido dos alunos, porque estes, com tais incentivos, estimulavam os condiscípulos, a quem narrariam as magnificências da festa, que jamais se lhes varreria da memória, e a quem mostrariam o diploma e o prémio, como outros tantos motivos de legitima inveja; que os professores também daqui colheriam emulações, porque haviam de querer ser os primeiros a apresentar alunos, mostrando assim o resultado dos seus cuidados e labores..... Que entre todos os seus sentimentos abrigava um de que muito se orgulhava: o de ser vimaranense, e ter nascido na Terra que possuía uma tão importante corporação.

Crespo Guimarães, figura singular de filósofo, era o símbolo do Mestre-Escola, pela sua bondade, pela sua conversa e pela sua popularidade.

Inteligente, perspicaz, abandonando antigos processos pedagógicos, a sua individualidade era completada por qualidades múltiplas de bom professor e bom educador.

Orador oficial, por consenso dos seus colegas, na festa de 9 de Março, os seus discursos, pela originalidade, eram sempre aguardados com interêsse pela assistência que vibrantemente os aplaudia.

Numa dessas festas, Abade de Tagilde, um dos mais notáveis historiadores vimaranenses, «congratulara-se com a Sociedade, que proporcionara a ocasião de conhecermos quanto o professorado primário correspondia ao que dêles se esperava, como o provou o brilhantíssimo discurso que acabava de proferir o Sr. Crespo Guimarães».

Era um ardente e infatigável propugnador por tudo quanto interessava ao desenvolvimento da instrução popular.

Orador de palavra fácil, os seus discursos eram sempre salpicados de acentuado humorismo, de realçada graça e repassados de verdades flagrantes. Dizia uma vez, a propósito de um decreto: «...trabalhos

diversos de ginástica na barra, no trapésio, etc., como se êles, lá na aldeia, não fizessem boa ginástica subindo às árvores, saltando penedos e valados, galgando muros de quintais, pinchando como cabritos, fazendo ginástica de verdadeiros saltimbancos e o professor, com o material que dispõe as nossas escolas, pudesse fazer mais do que mandá-los dar cambalhotas no meio dessas espeluncas que por irrisão se chamam salas de aula...»

Quantas vezes o ilustre vimaranense Conde de Margaride lhe ofereceu o seu apoio na Câmara dos Pares!

José António Crespo Guimarães, de espírito vivo e modelado pelo estudo, era um prosador agradável e de recursos vários: escrevia contos, monólogos, comédias e coordenava assuntos históricos. Como poeta, algumas das suas composições êle próprio as recitou na Sociedade Martins Sarmento. Jornalista correcto, por várias vezes colaborou nos periódicos locais e no «Comércio do Pôrto», acobertado sempre por uma grande simplicidade e modéstia.

As actas que os inspectores lavraram na sua escola, são das mais brilhantes, pelo zêlo e competência profissional que todos lhe reconheciam.

José António Crespo Guimarães exerceu a sua profissão com invulgar cuidado e distinção durante trinta anos canseirosos.

Nasceu em 17 de Julho de 1851 e faleceu em 29 de Dezembro de 1918.

Dizia o Dr. Avelino da Silva Guimarães: «Ainda bem para os colaboradores da *Revista*, para nós consócios da Sociedade Martins Sarmento, que a parte principal da biografia dum sócio honorário, o traço proeminente e característico resume-se numa breve afirmação: — E' um benemérito da instrução popular.» Esta legenda bem se pode aplicar ao professor José António Crespo Guimarães; é a sua biografia.

Morreu há dezanove anos. Merece êste tributo de homenagem e de saudade na *Revista de Guimarães* o grande amigo da Sociedade e um dos vultos mais valiosos do professorado primário do Concelho.